
Características jornalísticas nos sites de *Fake News*: Uma análise das notícias falsas no caso "La Bête" - Artista nu no MAM São Paulo¹

Kennedy Anderson Cupertino de SOUZA²

Felipe Maciel TESSAROLO³

Marilene Mattos SALLES⁴

Centro Universitário Faesa, Vitória, ES

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar as semelhanças entre sites que divulgam *fake news* e portais ou sites jornalísticos. Neste século, as mentiras ganharam formato de notícia e estão cada vez mais próximos do cidadão. O artigo apresenta a origem dos boatos com Kapferer (1993) e os conceitos de Cultura da Mídia desenvolvidas por Kellner (2001) para análise de notícias falsas que circularam sobre o caso "La Bête".

Palavras-chave: Jornalismo; Notícia Falsa; Notícia; Cultura da Mídia; La Bête

Introdução

Com o crescimento das interações virtuais, as *fake news* obtiveram força e atingem diretamente o dia a dia do indivíduo que busca se informar na internet, principalmente nas Redes Sociais Digitais. Em 2016, o termo *fake news* ganhou notoriedade mundial após Donald Trump ser eleito presidente dos Estados Unidos. Desde então tem-se discutido sobre o mal dos conteúdos falsos na sociedade e o poder que essas informações têm de modificar e fortalecer pensamentos. Mesmo estando em uma época na qual muito se comenta sobre o assunto, a *fake news* não é um tema novo. Os boatos, que até a década de 1990 eram compartilhados em grupos de convívio no qual o indivíduo se inseria, como vizinhança, amigos, trabalho e família, ganharam novos meios para se dissipar.

De acordo com uma pesquisa feita pela *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e divulgada pela Agência Brasil⁵, as notícias falsas circulam 70% mais do que a

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

²Estudante de Graduação 7º período do Curso de Jornalismo da Centro Universitário Faesa-ES, e-mail: kennedycuper@gmail.com

³Orientador e professor Msc. do Centro Universitário Faesa, email: felipetessarolo@gmail.com

⁴Orientadora e professora Dra. do Centro Universitário Faesa, e-mail: marilene.lemos@faesa.br

⁵AGÊNCIA Brasil. Pesquisa: notícias falsas circulam 70% mais do que as verdadeiras na internet. 10/03/2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2018-03/pesquisa-noticias-falsas-circulam-70-mais-do-que-verdadeiras-na>> acesso em: 20 abr. 2018

verdadeira na *web*. Por que muitos usuários acabam compartilhando notícia falsa na internet? As características dos sites que publicam *fake news* são parecidos com os sites dos veículos tradicionais? Qual a identidade utilizada por esses sites? Quais as semelhanças que existem se comparado com os portais de notícias factóides? São estas questões que se busca compreender neste artigo a partir da análise de notícias falsas sobre o caso “La Bête”.

O boato na era da informação

O boato é uma “proposição ligada aos acontecimentos diários, destinada a ser aumentada, transmitida de pessoa a pessoa, habitualmente através de técnica do ouvir-dizer, sem que existam dados concretos capazes de testemunhar sua exatidão” (ALLPORT e POSTMAN apud KAPFERER, 1993, p. 5). Na era da informação, o boato ganhou novas características e passou a ser disseminado com mais rapidez na sociedade - a *fake news* é um exemplo. Segundo (ALVES, 2017)⁶, *fake news* são “notícias falsas, publicadas e divulgadas de modo a enganar o público, atendendo a algum interesse escuso”. Longe de ter um comportamento jornalístico ou uma responsabilidade ética com o cidadão, os produtores de notícias falsas criam e compartilham boatos de temas que, na maioria das vezes, estão em voga na sociedade e nos meios de comunicação.

Quanto mais inédito for o boato, maior a chance da informação ser propagada. “No mundo dos espetáculos, isso é comum: é preciso alimentar o desejo insaciável dos fãs, sua ânsia de conhecer com prioridade os últimos fatos, bons ou ruins” (KAPFERER, 1993, p. 57). De acordo com o autor, o boato nasce em um pequeno grupo e ganha força ao se espalhar pela comunidade. Quem dá voz ao maldizer são as pessoas que ouviram, vão falar sobre o assunto e divulgam a informação falsa como verdade. Vale destacar que o rumor é mais fácil disseminado quando as pessoas do grupo concordam com a informação ou quando determinado assunto é novo no meio social. Para Kapferer (1993), o boato pode surgir como um alerta e é disseminado como algo urgente, por

⁶ALVES, Gabriel. Cientistas buscam estratégias para lutar contra 'fake news'. Folha de São Paulo, 12 de março de 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/03/1865611-cientistas-buscam-estrategia-para-lutar-contra-fake-news.shtml>> Acesso em: 20 out. 2017

exemplo, prisão, morte ou perigo. “Mesmo se desconhecemos se a informação é verdadeira, o simples fato dela exigir uma resposta imediata justifica a sua divulgação” (KAPFERER, 1993, p. 55). O autor ainda destaca que quanto mais informações houver no boato, menos o inconsciente vai ser exigido para a construção da interpretação.

Muitos boatos têm como causa um acontecimento, um fato estranho. O boato é a mobilização da atenção do grupo: devido a mudanças sucessivas, o grupo tenta reconstruir o *puzzle* constituído pelas peças esparsas que lhe foram relatadas. Quanto mais faltarem peças, mais o inconsciente vai determinar a interpretação. No entanto, quando mais peças existirem, mais a interpretação estará próxima ao real. É essa interpretação escolhida como a melhor que circula e ficará para a posteridade (KAPFERER, 1993, p.29).

A partir dessa interpretação, os grupos constroem uma visão sobre o assunto e passam a fidelizar o conteúdo do boato ou apenas fortalecem uma ideia já pré estabelecida a respeito do assunto. Em uma pesquisa realizada pelo Monitor do Debate Político no Meio Digital, da USP e divulgada pela BBC, os grupos de família do *Whatsapp* são os maiores disseminadores do conteúdo falso, por se tratar de grupos de mais confiança e de maior intimidade. Por ser uma Rede Social que trabalha com o sistema de criptografia⁷, os conteúdos que circulam no aplicativo são mais difíceis de se reconhecer a autoria.

O WhatsApp, aplicativo de mensagens por celular extremamente disseminado no Brasil, é visto como uma das redes mais propícias para a difusão de notícias falsas. Como é um aplicativo de mensagens privadas e não tem caráter público, é difícil rastrear as “fake news” espalhadas ali e avaliar seu alcance [...] (GRAGNANI, 2018)⁸.

Podemos relacionar os boatos aos produtos da cultura da mídia, que surgem como fornecedores de materiais para a construção do senso. Para Kellner (2001), os produtos da cultura midiática têm a intenção de fortalecer os laços entre os grupos e construir o senso da classe, assim, discernindo o que é certo e errado, através do discurso transmitido pela mídia. O autor relaciona esta construção do senso

⁷Mecanismo de segurança e privacidade que torna determinada comunicação (textos, imagens, vídeos e etc) ininteligível para quem não tem acesso aos códigos de “tradução” da mensagem. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/criptografia/>> acesso em: 21 abr. 2018

⁸GRAGNANI, Juliana. Pesquisa inédita identifica grupos de família como principal vetor de notícias falsas no WhatsApp. 20/04/18. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-43797257>> acesso em: 20 abr. 2018

apresentando a ideia de “nós” e “eles”. Com isso, os grupos fortalecem cada vez mais esta ideia.

A cultura da mídia também fornece o material com que as pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de ‘nós’ e ‘eles’. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. (KELLNER, 2001, p. 9)

Essas definições corroboram para saber quais tipos de grupos aceitam a informação. Ao deparar-se com um discurso, o indivíduo escolhe em apenas rolar o *feed* da Rede Social ou dar voz ao que está sendo dito, através de compartilhamentos, comentários e/ou curtidas. Podemos destacar quatro tipos de indivíduos: aquele que fideliza um discurso, segue uma página que fortalece o discurso e compartilha, curte e/ou comenta o que a página está divulgando; aquele que é a favor do manifesto, mas não se sente à vontade para disseminar a ideia; aquele que tem acesso a ideia, mas não concordam com o que está sendo divulgado; e aquele que não teve acesso ao discurso. De acordo com Grohmann (2009) cada indivíduo vai fazer uma decodificação diferente. Mesmo pertencendo a um mesmo grupo social, político, ideológico a resposta ao produto da mídia será diferente.

Quanto ao receptor, para o autor não existe uma decodificação universal, mas uma leitura diferenciada das classes populares, pois a audiência não é um corpo social homogêneo, já que a mensagem apenas adquire significação definitiva quando é consumida e reelaborada pelo público. (GROHMANN, 2009, p.9)

O indivíduo busca encontrar o que lhe agrada, como se fosse a realização de desejos, e, em muitas vezes, acabam encontrando nas notícias falsas um refúgio daquilo que acredita. O que está sendo discutido na sociedade passa a ocupar as *timelines* das Redes Sociais e o “ouvir dizer” se transforma em “uma página compartilhou” ou o “meu político, ator, líder religioso quem disse”.

Nas redes sociais, as pessoas passam a ter mais contato com o que é relevante a partir das curtidas e pesquisas. Fundamentado nisso, cria-se um perfil, no qual, os indivíduos passam a ter resultados diferentes entre si. Esta personalização das contas nas Redes Sociais é chamada de Filtro Bolha. De acordo com Eli Pariser (2012), o filtro funciona como se cada indivíduo tivesse uma internet personalizada a partir do histórico

de busca. Sendo assim, os filtros isolam as pessoas em bolhas virtuais, com opiniões e visões parecidas com a que ela está acostumada a ver. Esse tipo de pessoalização pode esconder parte do resultado. Aplicando isso nas *fake news*, podemos dizer que quanto mais se clica em sites de notícias falsas, maior o risco de estar vivendo em um mundo de boatos.

Os maus hábitos de buscar informação em sites que compartilham conteúdos falsos interfere diretamente no que o indivíduo passa a discutir no grupo e comunidade onde vive. As notícias que estão sendo comentadas, são aquelas que de alguma forma agrada o grupo em que ele está. “Esses resultados reforçam o que já pensamos, filtramos as notícias que poderiam nos levar a raciocinar. Facilitam a propagação de notícias falsas, se elas se mostrarem do nosso agrado” (SÁ, 2017, p. 40). Esse tipo de conteúdo, que circula como notícia, apresenta informações sensacionalistas que atinge diretamente os interesses de grupos sociais. Ao falar sobre um determinado assunto, as pessoas, que são atingidas com a informação, compartilham a notícia falsa sem checar os fatos. Silva (2017) destaca que o sensacionalismo está relacionado diretamente ao engajamento da notícia falsa nas redes sociais. O autor ainda frisa que o que difere os boatos atuais para aqueles que circulavam no passado é “a velocidade, a simplicidade e o baixo custo para produzir e disseminar falsidades com capacidade de proliferação muito rápida e abrangência geográfica imensa” (SILVA, 2017, p. 36). Por exemplo, a notícia falsa divulgada pelo site *jornaldacidadeonline.com.br* dizia: “Professoras forçam menino de 6 anos a passar batom (veja o vídeo)”. A notícia falsa, que foi investigada pela Agência Lupa (AGUIAR, 2017)⁹, especialista em *Fact-checking*¹⁰, alcançou mais de 25 mil compartilhamentos em menos de uma semana. Com apenas um vídeo e uma chamada sensacionalista, que instigava o usuário e tinha como enfoque um tema que é muito debatido - ideologia de gênero, o site conseguiu disseminar o boato na internet. Na verdade, o vídeo da matéria se referia a maus tratos de crianças em uma creche no

⁹ AGUIAR, Tiago. Vídeo não mostra professoras obrigando menino a usar batom. Disponível em <<http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2017/11/01/video-professoras-menino-batom/>> acesso em: 08/11/2017

¹⁰ Fact-checking é uma checagem de fatos, isto é, um confronto de histórias com dados, pesquisas e registros. FONSECA, Bruno. O que é fact-checking? Disponível em <<https://apublica.org/2017/06/truco-o-que-e-fact-checking/>> acesso em: 08/11/2017

Distrito Federal e não tinha nada ver com batom, e muito menos com a filósofa Judith Butler.

O site Jornal da Cidade Online difundiu o vídeo e, sozinho, já computou mais de 25 mil compartilhamentos dele. Em sua postagem, a página relaciona a gravação a um abaixo-assinado contra a participação da filósofa Judith Butler em um seminário que o SESC Pompeia [...] Para o site, Judith é a “idealizadora e uma das principais promotoras da ideologia de gênero” e o vídeo seria um exemplo do que pode acontecer nas escolas do país. A gravação, no entanto, não tem qualquer associação com esse assunto, com a filósofa nem com batom. (AGUIAR, 2017)

Este boato viralizou de forma muito rápida nas redes sociais e alcançou uma abrangência muito grande em poucos dias. Tendo acesso a internet, qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, pode ser alcançada através de um *link*, uma pesquisa no *Google* ou uma postagem no *Facebook*, *Twitter* e *WhatsApp*.

Disseminação de Fake news

As notícias falsas não nascem com o intuito de informar, muito menos retratar a realidade dos fatos. Para Renner (2017), esse tipo de conteúdo nasce com o intuito de viralizar¹¹, arrecadar o maior número de curtidas e compartilhamentos, assim, alcançando uma quantidade considerável de indivíduos. Além disso, as *Fakes News* podem prejudicar uma ideia ou a reputação de uma pessoas. Para chegar até o usuário, as notícias falsas percorrem um caminho que deixa rastros. Todavia, Silva vai além ao dizer que “existe a industrialização de notícia falsa, com o objetivo de fazer dinheiro com anúncios que são alocados por instrumentos regidos por algoritmos que premiam sites com mais visibilidade, acesso e compartilhamento” (2017, p. 37). Para o autor, os indivíduos passaram a divulgar as notícias falsas sem nenhum tipo de constrangimento.

Jornalismo Online e as novas formas de interação

Desde o avanço tecnológico no Brasil, meados da década de 90, o jornalismo ganhou novos formatos e plataformas. Devido o advento da internet, o número de portais, *blogs*, *sites* dedicados em fazer jornalismo, e as facilidades em informar e ser

¹¹Tornar viral; fazer com que algo seja compartilhado por um grande número de pessoas Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/viralizar/>>. Acesso em: 29 out. 2017

informado, foram crescendo. Com este aumento, a desinformação, a facilidade de cópia, a *fake news* e a desconfiança nos portais também tomaram grandes proporções. Com a internet, “um caminho a problemas de autenticidade e veracidade de informação, credibilidade do meio e responsabilidade pelas mensagens” (KUCINSKI, 2005, p.82) também aumentaram.

Com o jornalismo na internet, muda-se a forma de interação e produção das notícias. A exigência por uma produção mais veloz diminuiu a precisão e o aprofundamento nas notícias. Para Kucinski (2005), essa corrida contra o tempo sempre foi uma característica do jornalismo. Mesmo com tantos problemas, vemos uma parte do jornalismo *Online* buscando produzir conteúdos, cada vez mais, aprofundados na apuração e na pesquisa.

A tendência é que primeiro se busque o refúgio da credibilidade em um jornalismo com menor risco de contágio por interesse político e econômico, ou seja, aquele que produzido por alguma forma de guilda profissional que persegue princípios básicos universais, como a busca pela verdade e a correção de eventuais erros (RECH, 2017, p. 45).

Nas redações jornalísticas é cada vez mais difícil identificar a origem da informação que chega pelas Redes Sociais. O que acontece diariamente é que um indivíduo ao presenciar um acidente ele fotografa, filma e, via whatsapp, envia para os grupos que faz parte, relatando sobre o fato. A informação vai sendo repassada até chegar na imprensa, como um telefone sem fio. Ao chegar na redação o fato chega incompleto e quando o jornalista questiona o indivíduo sobre o conteúdo da mensagem ou se está no local, a resposta é: “Estou apenas repassando. Recebi de um grupo”.

Sites de notícia falsa

Com a internet, qualquer indivíduo pode produzir e publicar conteúdo. Os produtores de *fake news* ganharam força e passaram a usar as Redes Sociais como meio de disseminar os boatos. Como já foi discutido, grande parte das notícias falsas não são compartilhados apenas para a simples disseminação. Nas eleições dos Estados Unidos, que elegeu o candidato Republicano Donald Trump, em 2016, foi nítida a forma como o candidato desqualificava os veículos de comunicação norte americanos.

Eram mais de 100 sites daquele país produzindo conteúdo falso e com níveis de acesso muitas vezes maiores do que jornais tradicionais americanos. Trump, por sua vez, usa a expressão “fake news” (“notícia falsa”) para atacar reportagens de grandes veículos de comunicação americanos. Publicações como o “The New York Times”, “The Washington Post” e CNN estão entre os mais atacados pelo presidente, em uma lista compilada pelo jornal de Nova York fazendo um levantamento desde o início da campanha eleitoral, em 2015. (IANDOLI, 2017)

Quando os veículos tradicionais são desqualificados e os sites de notícias falsas são valorizados, os boatos passam a ser disseminados como informação verídica, levando a sociedade a uma desestabilidade informacional. Ao consumir uma informação falsa, o cidadão acha que está acessando um conteúdo extra sigiloso, que a mídia tradicional está escondendo (Sá, 2017), assim, as pessoas interpretam a informação falsa como verdadeira.

Layout e as semelhanças dos sites

Os sites que divulgam notícia falsa, na maioria das vezes, são criados com uma aparência e nome que remetem a veículos tradicionais. Os boatos do século XXI estão mais robustos, contem imagem, relatos e informações de supostas fontes oficiais. Com isso, o indivíduo passa a ser mais facilmente enganado. “A sofisticação de algumas montagens de fato torna difícil distinguir a verdade à primeira vista, mas bastaria uma checagem na fonte original para desmascarar os farsantes” (RECH, 2017, p. 44). Veja no exemplo abaixo:

Figura 1 - Comparação entre *Layout* de um site de notícias falsas¹² e do Jornal Folha de São Paulo¹³



O grande investimento na criação de sites que produzem notícias falsas cresce em um momento, no qual, o jornalismo e os meios de comunicação estão em crise. Em

¹² Folha do Poder. Disponível em: < <https://folhadopoder.com.br/> >

¹³ Folha de São Paulo. Disponível em: < <https://www.folha.uol.com.br/> >

uma entrevista para Mello (2018)¹⁴, o professor de Teoria da Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Wilson Gomes, disse que a crise na credibilidade do jornalismo é parte do problema das *fake news*. “Se o Cidadão acha que, para uma coisa gozar da credibilidade do jornalismo, basta parecer jornalismo, do ponto de vista da diagramação e da retórica factual, então, ele não distingue mais o que é jornalismo”. (GOMES APUD MELLO, 2018). Destaca-se a importância em valorizar os veículos e os profissionais para produzir conteúdos de qualidade, credibilidade e que tenha a intenção de informar. Do outro lado, a sociedade também deve pesquisar, duvidar e não se deixar levar por conteúdos sensacionalistas.

Caso "La Bête" - Artista nu no MAM São Paulo

No dia 29 de setembro de 2017, o G1 (2017)¹⁵ publicou uma notícia sobre a performance de um artista nu no Museu de Arte Moderna (MAM), em São Paulo. A matéria repercutia um vídeo da apresentação que havia viralizado na internet. No vídeo, uma criança aparece tocando o artista que estava se apresentando. Segundo o portal de notícias, o evento era aberto para visitantes e estava sinalizado sobre a nudez que havia na apresentação. A notícia ainda destaca que o público presente era formado, na maioria, por artistas, e um dos presentes era uma coreógrafa acompanhada da filha.

A performance chamada “La Bête” foi inspirada em um trabalho de Lygia Clark. “Bichos” é considerada a obra viva da artista, pois sua intenção era de que a arte ultrapassasse os limites da superfície de um quadro. A série de esculturas com dobradiças permite que o espectador se torne figura atuante na obra [...] (G1, 2017).

A performance aumentou a procura pelo tema nas pesquisas do *Google*, nas Redes Sociais e nos veículos de comunicação. Com isso, surgiram algumas notícias falsas a respeito do caso. Baseado no *Google Trends*, foi realizada uma pesquisa que mostra a elevação na pesquisa pelo caso, exclusivamente, pelo nome do artista nu, Wagner Schwartz.

¹⁴ MELLO, Daniel. Para especialistas, difusão de *fake news* está ligada à crise do jornalismo. 04/04/2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-04/para-especialistas-difusao-de-fake-news-esta-ligada-crise-do-jornalismo>> acesso em: 15 abr. 2018

¹⁵ G1. Interação de criança com artista nu em museu de São Paulo gera polêmica. 29/09/2017 Disponível em <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/interacao-de-crianca-com-artista-nu-em-museu-de-sp-gera-polemica_ghtml> acesso em: 03 jan. 2018

Pesquisa *Google Trends*

A pesquisa foi feita usando a plataforma do *Google Trends*¹⁶. Pesquisamos o termo Wagner Schwartz, nome do ator que fez a apresentação *La Bête*. O limite de tempo foi 30 dias - 10 de setembro à 10 de outubro de 2017. O espaço geográfico foi o Brasil. O resultado nos apresentou um pico na pesquisa entre os dias 28 de setembro e 5 de outubro, chegando no dia 2 de outubro, ao máximo de volume de pesquisa. Durante este período, alguns grupos e políticos comentaram sobre a exposição nas Redes Sociais. Ainda no dia 2 de outubro, o Portal de Notícias G1 publicou uma matéria, na qual, o Ministério Público pede para que o *Google* e *Facebook* retirassem vídeos da performance da internet¹⁷. Também consultamos os termos relacionados. O primeiro termo mais buscado, atingindo o máximo de busca no *Google* foi “Wagner Schwartz preso”. Em segundo está “Wagner Schwartz morto” com 73 no volume de busca. Estes dois termos nos levaram até as seguintes notícias: “Coreógrafo Wagner Schwartz do (La Bête) é morto a pauladas quando chegava em casa na zona sul de São Paulo”; “Ator Wagner Schwartz comete suicídio se jogando de prédio em São Paulo”; “Deputado e Pastor Marcos Feliciano pede prisão do ator que ficou nu e foi tocado por crianças no MAM e juiz decreta”.

¹⁶Resultado da pesquisa. 15/10/2017. Disponível em:

<<https://trends.google.com/trends/explore?date=2017-09-10%202017-10-10&geo=BR&q=%2Fm%2F0fq0wk5>>
acesso em: 15 out. 2017

¹⁷ G1, MP pede que Google e Facebook retirem do ar vídeos de performance com artista nu no MAM. 02/10/2017. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/mp-pede-que-google-e-facebook- retirem-do-ar- videos-de-performance-com-artista-nu-no-mam_ghfml> acesso em: 23 abr. 2018

Análise

Notícia 1 - “Coreógrafo Wagner Schwartz do (La Bête) é morto a pauladas quando chegava em casa na zona sul de São Paulo”

www.noticiasodia.com/2017/05/coreografo-wagner-schwartz-do-la-bete-e.html

Coreógrafo Wagner Schwartz do (La Bête) é morto a pauladas quando chegava em casa na zona sul de São Paulo

Um homem foi assassinado quando chegava em casa na zona sul de São Paulo, na madrugada de sábado (30). Segundo informações da irmã da vítima, o homem foi morto a pauladas. A polícia divulgou a identidade da vítima, trata-se do artista Wagner Miranda Schwartz, o coreógrafo ficou famoso depois da polêmica performance “La Bête”



A notícia do site *Noticiasodia.com* apresentava uma estrutura jornalística com título, fontes e imagem. No link, observamos um ponto de exclamação que indica que o usuário está em uma navegação insegura, de acordo com o site de verificação de segurança do *Google*¹⁸.

O *lead* da *fake news* apresenta duas fontes. A primeira fonte é identificada como irmã do coreógrafo. A segunda fonte de informação descrita na matéria é a polícia. Erbolato (1991) classifica as fontes em diretas, indiretas e adicionais.

Classificam-se de diretas as pessoas envolvidas em um fato ou ocorrência e também os comunicados e notas oficiais a respeito. Fontes indiretas são pessoas que, por dever profissional, sabem de um fato circunstancialmente. Da mesma forma são classificados os documentos ligados ao assunto coberto pelo jornal. Fontes adicionais - segundo Octavio Bonfim - são aquelas que fornecem informações suplementares ou ampliam a dimensão da história. (ERBOLATO, 1991, p. 184)

Na notícia falsa, podemos identificar a irmã como a fonte direta, que, supostamente, viu a cena do irmão sendo morto a pauladas, e a polícia a fonte indireta, que sabe dos fatos por dever profissional. Apesar de ter as fontes, o autor do texto não apresenta o nome das pessoas entrevistadas e, também, não diz detalhes sobre a polícia ou se foi feita perícia no local. “Detalhes aparentemente irrelevantes devem ser levados

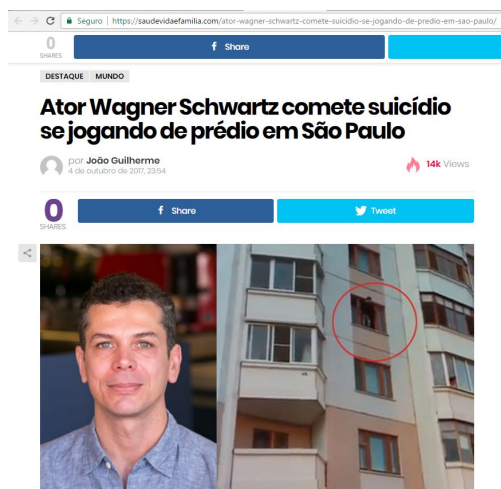
¹⁸ Site de verificação do *Google*. Disponível em: https://support.google.com/chrome/answer/95617?visit_id=1-636601159963987560-2146973119&p=ui_security_indicator&rd=1 acesso em: 23 abr. 2018

em conta, e os nomes, bem como datas e lugares, precisam ser cuidadosamente escritos, para evitar desmentidos” (ERBOLATO, 1991, p. 185). Ainda sobre a notícia, o G1 (2017) publicou uma notícia a respeito desta notícia falsa.

A Secretaria da Segurança Pública de São Paulo nega e diz que não houve nenhuma morte a pauladas na região na data especificada. Procurada, a assessoria do MAM também diz que se trata de um boato. Outro detalhe que denota a falsidade da notícia é a foto do local do crime que acompanha o texto – que se refere a um homem morto a tiros em uma cidade do PR (G1, 2017¹⁹)

No conjunto de imagens, temos duas referentes ao coreógrafo e uma imagem de um homem morto a tiros no Paraná em 2016, de acordo com o site *catve.com*²⁰. A montagem de imagens tenta induzir o leitor a uma interpretação errônea a respeito da situação física do ator.

Notícia 2 - “Ator Wagner Schwartz comete suicídio se jogando de prédio em São Paulo”.



Na segunda *fake news*, que foi publicada no site *saudevidaefamilia.com*, observamos uma roupagem bem jornalística. A indicação do site é segura e a notícia falsa é assinada por um suposto repórter, mas não possui nome das fontes. Os entrevistados são identificados como “amigos do artista” e “polícia” e a imagem do prédio não é a do mesmo citado na *fake news*. A matéria, que possuía data de publicação

¹⁹ G1. Artista que fez performance nu no MAM foi morto a pauladas? Não é verdade! 01/10/17. Disponível em: <<https://g1.globo.com/e-ou-nao-e/noticia/artista-que-fez-performance-nu-no-mam-foi-morto-a-pauladas-nao-e-verdade.e.html>> acesso em: 22 abr. 2018

²⁰ CATVE. Homem é executado a tiros em Altônia. 14/03/2016. Disponível em: <<http://catve.com/noticia/9/144402/homem-e-executado-a-tiros-em-altonia>> acesso em: 07 abr. 2017

- 4 de outubro de 2017, falava que o ator havia cometido suicídio ao se jogar da janela do prédio de um amigo, em São Paulo. Para relacionar, buscamos uma matéria que foi publicada na Folha de São Paulo no dia 3 de outubro. A matéria informava que alguns deputados federais quase entraram em confronto físico no plenário da Câmara após discutir sobre a mostra que envolveu a interação de uma criança com um homem nu no Museu de Arte Moderna de São Paulo. De acordo com (BRAGON, 2017), “dois parlamentares chegaram a defender 'porrada' e tortura em colegas e no coreógrafo Wagner Schwartz”. A matéria também possui data de publicação, assinatura do repórter, imagem e fontes. O que pode levar a crer que a notícia falsa, sobre a morte do ator por suicídio, é verdadeira era a pressão, o linchamento e o caos social que se encontrava o País. Por ser um fato novo na época, a chance de acreditar e compartilhar era muito grande.

Notícia 3 - “Deputado e Pastor Marcos Feliciano pede prisão do ator que ficou nu e foi tocado por crianças no MAM e juiz decreta”.



Um das notícias mais sensacionalista na análise, a terceira matéria, publicada pelo site *gshowplay.com*, apresenta o nome de um Deputado Federal e Pastor, diz que um juiz decretou a prisão do ator, Wagner Schwartz. Na notícia ainda divulga uma montagem com três fotos e no meio a palavra, em caixa alta, “PRESO!”.

Já destacamos um erro no nome do Deputado Federal, que na *fake news* é chamado de Marcos Feliciano, porém o nome original do Deputado Federal é Marco

Feliciano. Ainda no título, o autor apresenta duas figuras de muita autoridade para solicitar a prisão de um indivíduo: Deputado Federal e Juiz. Isso produz sentido de verdade para a notícia, que tinha como público alvo os seguidores do Deputado Marco Feliciano. Um dia após a viralização do vídeo, o Pastor se pronunciou, em uma página oficial própria, sobre o fato e classificou as cenas como “revoltantes” e “destruidor de família”²¹.

A notícia apresenta o nome de um Juiz que concedeu o pedido de prisão. “Em audiência de custódia realizada hoje, o juiz Edgard Marzola Colombini entendeu que houve estupro na ação do acusado ao incentivar que crianças lhe tocassem pelado”. Ao pesquisar o nome do juiz, constatamos que não existe nenhum magistrado com este nome, mas existe um juiz com o nome bem parecido. No caso do homem que estuprou uma mulher dentro de um coletivo em São Paulo REIS e TOMAZ (2017)²², o juiz que decidiu manter o estuprodo preso se chamava Rodrigo Marzola Colombini, bem parecido com o nome usado na notícia falsa. No caso do artista nu, inventaram um nome de um juiz que havia julgado um caso parecido com o da *fake news*, Edgard Marzola Colombini.

Considerações finais

Quanto mais se identifica com a notícia falsa, maior é a chance do indivíduo ser afetado pelo conteúdo falso. Se o usuário não estiver atento, trabalhar o senso crítico e duvidar das coisas que lê, a chance de formar opinião a partir de uma notícia falsa é grande. Como vimos, as características dos sites de notícias falsas são bem parecidas com os portais jornalísticos. Layout e estrutura textual em alguns casos são copiados com o objetivo de enganar o leitor, que acha que está em um site confiável, mas não está. Outro ponto que nos chamou atenção, foi a verificação do *Google*. Um dos sites produtores de *fake news* era classificado como confiável, o que pode confundir o leitor.

²¹ *Link* do vídeo. Deputado e Pastor Marcos Feliciano pede prisão do ator que ficou nu e foi tocado por crianças no MAM. 29/10/17. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PastorMarcoFeliciano/videos/1129532390520112/>> acesso em: 24 abr. 2018

²² REIS, Vivian e TOMAZ, Kleber. Justiça de SP decide manter abusador sexual preso por estupro. 03/09/2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/justica-de-sp-mantem-abusador-sexual-presos.html>> acesso 07 abr. 2017

Ainda vale destacar que sites que publicaram as notícias falsas a respeito do coreógrafo Wagner Schwartz estão fora do ar.

Referências

- AGÊNCIA Brasil. **Pesquisa: notícias falsas circulam 70% mais do que as verdadeiras na internet.** 10/03/2018. Disponível em:
<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2018-03/pesquisa-noticias-falsas-circulam-70-mais-do-que-verdadeiras-na>> acesso em: 20 abr. 2018
- AGUIAR, Tiago. **Vídeo não mostra professoras obrigando menino a usar batom.** Disponível em
<<http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2017/11/01/video-professoras-menino-batom/>> acesso em: 08/11/2017
- BRAGON, Ranier. Em debate sobre polêmica do MAM, deputados sugerem 'porrada' e tortura 03/10/17. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/10/1924060-em-debate-sobre-polemica-do-mam-deputados-sugerem-porrada-e-tortura.shtml>> acesso em: 23 abr. 2017
- ERBOLATO, Mário L. Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário. In: Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário. 1991.
- FONSECA, Bruno. **O que é fact-checking?** Disponível em
<<https://apublica.org/2017/06/truco-o-que-e-fact-checking/>> acesso em: 08/11/2017
- GROHMANN, Rafael do Nascimento. **O receptor como produtor de Sentido: estudos culturais, mediações e limitações.** Revista Anagrama. Ano 2 - Edição 4. 2009
- IANDOLI, Rafael. **Trump, 'fake news' e a guerra declarada contra a imprensa.** Disponível em
<<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/07/03/Trump-%E2%80%98fake-news%E2%80%99-e-a-guerra-declarada-contra-a-imprensa>> acesso em: 15/12/2017
- KAPFERER, Jean-Noël, 1957- **Boatos: o mais antigo mídia do mundo**/Jean-Noël Kapferer; tradução, Ivone da Silva Ramos Maya. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno** / Douglas Kellner; tradução de Ivone Castilho Benedetti - Bauru, SP: EDUSC, 2001
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética**/ Bernardo Kucinski. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Editora UNESP, 2005.
- PALÁCIOS, Marcos. **Fazendo jornalismo em redes híbridas.** Disponível em
<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/eno111220022.htm>> acesso em: 13/12/2017
- PARISER, Eli. **O Filtro Invisível: o que a internet está escondendo de você.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012
- RECH, Marcelo. **Uma chance para o otimismo.** *Revista de Jornalismo ESPM/Columbia Journalism Review*, São Paulo, p. 42-45, Jan./Jun. 2017
- RENNER, Nausicaa. **Mentiras deixam rastros.** *Revista de Jornalismo ESPM/Columbia Journalism Review*, São Paulo, p. 52-53, Jan./Jun. 2017
- SÁ, Nelson de. **Antes tarde do que nunca.** *Revista de Jornalismo ESPM/Columbia Journalism Review*, São Paulo, p. 39-41, Jan./Jun. 2017
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Morte e vida da imprensa.** *Revista de Jornalismo ESPM/Columbia Journalism Review*, São Paulo, p. 36-38, Jan./Jun. 2017